

CRESCÇO e *POETIZO*

ANTOLOGIA POÉTICA DO



XXXI PRÊMIO MOUTONNÉE DE POESIA



ANTOLOGIA POÉTICA DO

XXXI PRÊMIO

MOUTONNÉE

DE POESIA

ANTOLOGIA POÉTICA DO

XXXI PRÊMIO

MOUTONNÉE

DE POESIA

2023

Copyright © Dos autores.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão do autor. Todo o conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S446c	Secretaria da Cultura da Estância Turística de Salto. Cresço e poetizo [livro eletrônico] : antologia poética do XXXI Prêmio Moutonée de Poesia / Secretaria da Cultura da Estância Turística de Salto. – Salto, SP: FoxTablet, 2023. 160 p. : foto. – (Prêmio Moutonée de Poesia; v. 31)
	ISBN 978-85-66799-71-2
	1. Literatura brasileira – Poesia. I. Título.
	CDD B869.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Realização: Secretaria da Cultura da Estância Turística de Salto

Curadoria: Academia Saltense de Letras

Jurados: Donny Correa, Fabiano Ormaneze, Marta Mara,

Duilio Fabbri Jr. e Matheus Yuri

Projeto gráfico e diagramação: Editora FoxTablet

Revisão: Jean-Frédéric Pluinage

Sumário

<u>Apresentação</u>	<u>07</u>
<u>Poesias premiadas – Categoria Juvenil.....</u>	<u>13</u>
<u>Poesias premiadas – Categoria Adulto.....</u>	<u>31</u>
<u>Outras poesias.....</u>	<u>51</u>

Apresentação

Além de todos os Estados brasileiros, poetas de sete países estrangeiros participam do XXXI Prêmio Moutonnée de Poesia: Alemanha, Argentina, Canadá, Espanha, Itália, Moçambique e Portugal, totalizando 2.432 trabalhos inscritos. Com o apoio da Academia Saltense de Letras, a Secretaria da Cultura sente-se honrada por mais essa edição do Prêmio, que explora as possibilidades da metapoesia.

Cresço e poetizo

Há um famoso trecho do escritor estadunidense William Faulkner (1897-1962) que compara a literatura ao ato de acender um palito de fósforo no meio da escuridão. O autor de “O Som e a Fúria” (1929) lembra que, com esse ato, consegue-se iluminar quase nada. Por outro lado, é possível ver quanta escuridão existe ao redor. Notar-se no meio da escuridão pode amedrontar, parecer que estamos sem saber para onde ir. Mas é também o lugar e o momento de se voltar a si mesmo, olhar para o seu interior.

A escuridão é uma oportunidade para o crescimento como sujeito e como poeta. É nela ou a partir dela que surgiram alguns dos mais belos exemplares da literatura mundial. A palavra, assim, torna-se a materialização da parte que é possível exprimir. É, da mesma forma que a iluminação proporcionada pelo

fósforo, uma parte muito pequena do que sentimos, do que somos, mas é disso que (sobre)vive a poesia. E é a partir dessa dinâmica que também (sobre)vive o poeta: do crescer proporcionado pelo “poetizar-se”.

O poeta é um ser cujo ciclo de vida não se resume a nascer, crescer, reproduzir e morrer. Sua passagem pelo mundo exige o poetizar ou poetizar-se. E isso o alimenta, nutre, faz crescer e se manter vivo, ainda que, ao seu redor, só pareça existir escuridão. “Faz escuro, mas eu canto”, diria o brasileiro Thiago de Mello (1926–2022). Eu canto porque espero pela manhã? Ou porque é o que me resta? Eu canto porque é o que sei fazer ou porque isso me faz crescer nas (in)compreensões cotidianas?

Cresce-se quando as palavras passam a ser *por nós* no mundo, quando elas tomam o lugar de parte de nossas angústias, quando elas nos acalentam. E ainda, quando tudo tiver passado, são elas que restarão a dizer quem fomos neste mundo.

Polissemia x metalinguagem

Embora possamos identificar em “cresço, quando poetizo” a presença da metalinguagem (quando a linguagem se volta a si mesma, cf. definição de Roman Jakobson), esse é apenas um dos sentidos possíveis para o enunciado. Isso porque, alinhado às teorias linguísticas contemporâneas, sabe-se que “as palavras mudam de sentido conforme os sujeitos que as utilizam, de suas posições e de suas perspectivas ideológicas e estéticas” (cf. Pêcheux). Por essa razão, convém lembrar que a “polissemia” se sobrepõe à metalinguagem.

Diversos autores, não só do campo linguístico, mas também da Psicanálise (Lacan, por exemplo), chegam a criticar a existência de “metalinguagem”, uma vez que o sentido é sempre outro, ainda que em reescritas ou voltando-se a si mesma, sempre se imputa

outra direção quando o sujeito entra em contato com um dizer. “Não há metalinguagem, mas o escrito que se fabrica com a linguagem é material talvez dotado de força para que nela se modifiquem nossas formulações” (Lacan, 1971, p. 23).

Como é próprio da linguagem poética, segundo definição do próprio Jakobson, autor que postulou teoria acerca da metalinguagem, a função estética relaciona-se à capacidade de novos rearranjos, centra-se nos apelos subjetivos, inovadores, infinitos e possíveis da linguagem. Então, diante de um enunciado como “cresco, quando poetizo” encontram-se diversos *sentidos possíveis*. É *possível* (mas não irrestrita e inquestionável) uma interpretação metalinguística, para a qual, por paráfrase, *poderíamos* chegar a: “cresco, quando faço poesia”.

Por outro lado, o sentido também *pode* levar o interlocutor a identificar que “poetizar” produz o efeito discursivo de “cresco quando entro em contato com a poesia”, considerando “contato” como “fazer”, “ler”,

“reler”, “procurar ou dar sentidos”. É possível crescer *pela* poesia ou *com* a poesia!

O tema de um concurso literário deve ser considerado a partir do que é a poesia: não um sentido único, mas uma possibilidade de trabalho estético (portanto, sensível e criativo) com a linguagem. O fato de ser um enunciado original, criado para o tema do concurso, é um estímulo à criatividade. Em tempos de tantas ferramentas capazes de escrever no lugar de um indivíduo e tanta facilidade de acesso às informações, os temas precisam ser assim: amplos e inéditos, sob pena de caírem em padronizações e em sentidos já estabilizados por alguns grupos.

Destaquei, por modalização autonímica, e não por acaso, os usos do verbo “poder” nos parágrafos acima. A linguagem poética pode, mas não necessariamente é. Imputar um sentido único a um enunciado é, antes de tudo, contrário à natureza múltipla da linguagem.

Prof. Dr. Fabiano Ormaneze

**POESIAS
PREMIADAS**

Categoria Juvenil

1º LUGAR – JUVENIL

ILHÉUS – BA

Poetizo

Nos meus quinze Verões eu me pergunto:
Por que os muitos não são necessários?
Por que pensam no mal qual bom assunto?
Por que respeito é algo tão precário?

Pra que dizer “te amei” a um defunto?
Pra que só uma cor se tons são vários?
Pra que se despedir podendo ir junto?
Pra que ser infeliz dentro do armário?

De que nos vale ter se a outros falta?
De que vamos viver matando o mundo?
De que vem o prazer a quem se exalta?

Do qual nos vem o bem: raso ou profundo?
Do qual vem teu pensar: turvo ou ribalta?
Do qual vais me julgar: calvo ou fecundo?



Maria Eduarda Alves da Silva - Aluna da Rede Estadual de Educação iniciante na Arte de escrever, fruto de Oficina Literária promovida pela Associação de Moradores da Lagoa Encantada no Município de Ilhéus, Sul da Bahia. Estreante em Concurso Literário e participante de um Clube de Leitura com a finalidade de aprender a escrever.

2º LUGAR – JUVENIL
SENADOR POMPEU – CE

Contínua Obra

Observo. Leio. E pasmo.

Que dizeres são esses
Que outrora disse?
Não os reconheço
Distante, ofuscado, informe

De vezes, em astúcias
Ouso-me uma intervenção
Um gesto inquieto
Que faço para minha plateia

(Em vão)

Não me veem
Sem prestígio, sem renome
Sequer um nome!

Meus antigos poemas
Relíquias dissolutas ao tempo
Em decomposição

Não sou quem antes fui
Os versos crescem
O corpo surge
A mente se desfaz
A mente se refaz

Na obra ambulante
Me tornei mero espectador
Nunca protagonista

A cada novo poema
Mais me desvio da construção
Personagem ou Persona?
Nunca saberei

Não sou o artista
Muito menos a musa
Não sou o romantismo
Nem sequer o realismo

Sou algo.

Algo que está vindo a ser

A poesia que vier

Por fim, sou alguém.



Antônio Josian Ferreira da Silva

- Escrevo poemas desde o início de minha adolescência, me foram como uma válvula de vazão aos sentimentos. Agora, após minhas reinvenções, eles também amadureceram; o que escrevo acompanha minha própria complexidade. O poema acima o expressa. Além de paixão, poetizar se tornou viver.

3º LUGAR – JUVENIL

SALTO – SP

Poesia Pura

Vivo, logo penso
e penso, logo poetizo
Tudo é poético
Até minha roupa, minha touca,
a voz meio rouca
Aquele eu te amo falso,
o mais verdadeiro xingamento
A dança desengonçada,
o perfeito chute na bola
Tudo é pura poesia

Até essa saudade do meu passado

Pois,
Está complicado tudo que tenho passado,
aperto no peito que não tem passado,
nem as camisas eu tenho passado

Ando cansado
de falsos profetas
meios poetas
Lágrimas discretas escorrem
palavras soltas discorrem
todo sentimento no papel

Escrevo tudo que me agoniza
e chamam de poesia
Porém, logo após o pranto
agradeço-o
já que viver de felicidade
seria a pior tristeza do poeta,
que só caneta
se há melancolia

digo,
 insisto,
 por tudo que vivi
 por tudo que ainda vivo
 poetizo porque cresci
 e só cresço porque poetizo



Luis Fabrício Foge Melo - Sou Luis Fabrício Foge Melo. Mais conhecido como “Foge”, nascido e criado no oeste saltense, sou um poeta, slammer e mais louco sonhador nesse mundo.

4° LUGAR – JUVENIL

SALTO – SP

~porque me escrevo em versos

Não lembro quando,
mas em algum ponto
meu ser
virou imbuído de poesia

Uma mescla inexorável
Tão fundamental
quanto o ar que entra,
o ar que sai

O momento não se finda,
não se sente, até que poetize
em linhas e rimas minha emoção
Só em cursiva se chega no coração

Faço rimas que me ensinam pobres
Mas eu acho tão rico isso
de embrulhar o mundo,
com sua beleza e escuridão,
a vastidão do ser no papel
É o eternizar do sentir

E contar como foi de verdade
Registrar cada parte, sem amarras
Expressar com metáforas
o cru, o real, o oculto e o intrínseco
O doido e o doído
Com uma luz que só poeta tem

Parto das letras
Ando com minhas palavras
Falo com versos e estrofes
o que a boca não consegue dizer
e que o peito não suporta segurar

Cresço com minhas frases
que às vezes amadurecem sozinhas
mostrando partes de mim
que a priori desconhecia

Só com poesia eu me sou
E tirá-la é tirar parte
do que me fez, que me faz

~porque me escrevo em versos



Carolina Sofia Rosa da Costa - Carolina nunca virou, já surgiu arte, sonhadora, criativa. Ama dança, música, teatro, literatura e, como descobriu mais velha, poesia. Carol é do mar, artista, aventureira, intensa, companheira; tem 17 anos, riso frouxo e escreve umas coisas por aí, deixando sua marca no mundo.

5º LUGAR – JUVENIL

PORTO ALEGRE – RS

Estou na livraria

Vou até a livraria

Já sinto a calma

Pego um livro

Sinto o poder que traz consigo

Evoluo de maneira constante

Não faço da vida inconstante

Por isso fiz da poesia um lar reconfortante

Me sinto inteira e importante

Gosto da beleza que em tudo vejo

Pois sou poeta e são palavras que desejo

Amo tudo que toco com o coração

Pois sou poeta e faço assim uma canção

Sinto que sempre vivi com um poder
Não sou daquela que deixa a poesia morrer
Gosto de ter nascido assim
Com um amor que não tem fim

Estou na livraria
Coloco o livro de volta na estante
Livros, aqueles que causam nostalgia
A poesia que nasceu comigo chega a ser excitante.



Sofia Belleboni Sabadin - Meu nome é Sofia, mas quase todo mundo me chama de Sofi! Eu tenho catorze anos, estudo no Colégio Santa Doroteia em Porto Alegre e, desde que me conheço por gente, sou apaixonada por ler e escrever e espero que minhas palavras possam ajudar alguém um dia.

POESIAS PREMIADAS

Categoria Adulto

1º LUGAR – ADULTO

AMPARO – SP

Elegia a Lorca

A Federico García Lorca, fuzilado
em 19-VIII-1936 por fascistas espanhóis

Exilada no céu, a Lua, ensanguentada,
Velava, entristecida, as noites de Granada
E tudo à sua volta...
Era a Guerra Civil! Em pleno mês de agosto,
Da morte, o braço armado e vil era entreposto
De rancor e revolta.

À sombra da ameaça esguia do martírio,
No bolso do poeta, uma caneta e um lírio
– Armas contra o cinismo!
Um zíngaro que amava os mouros e a poesia!
Deu combate sem trégua à espúria tirania
E à corja do fascismo!

Sem que sequer tivesse o choro de um amigo,
Seu corpo, fuzilado, encontrou por jazigo
Uma beira de estrada...
Nunca se revelou nem mesmo o paradeiro
Dos despojos do poeta altivo e verdadeiro
Que iluminou Granada!

Sei que Lorca, o divino, há de viver, por certo,
A cada vez que alguém disser, de peito aberto,
“Eu cresço e poetizo!”.

Pois há de renascer no povo, em sua entranha,
Do poeta, o clamor na bandeira da Espanha
Sempre que for preciso!



Marcelo Henrique de Souza - 53 anos, nasceu em Amparo/SP. Leciona Gramática. Escreveu nove livros. Foi um dos “imortais” da Academia Amparense de Letras (AAL) – eleito aos 21 anos. É ex-presidente da Casa do Poeta de Amparo (biênio 1999/2000). Foi candidato, em 2002 e em 2008, à Academia Brasileira de Letras.

2 ° LUGAR - ADULTO

CUIABÁ – MT

Dor Fingida

De
dor
fingida não
constituirá o meu verso.

Não empresto
rimas melancólicas para
falar do cortejo fúnebre dos rios
e traduzir o sentimento do coração pantaneiro.

Não!
Não falarei
da morte pela
morte, do fim pelo fim.

Não cantarei a exploração que
dizima floreada com pobres rimas
somente para serem páginas esquecidas
no tempo das fábricas, nos espaços das cidades.

Sim!
Falarei
da morte
pelo capital, do fim do Pantanal.

Cantarei
a exploração
pseudo-racional
e o meu canto será denúncia.

Sim!

Ouvirei

o estrondo que ecoa das florestas

ao Norte: Madeiras de lei vida ou morte?

Sim!

Sentirei a dor das chamas de uma

queimada qualquer e experimentarei a fuga

dos répteis sob as trilhas que conduzem o fogo exterminador.

E voarei

com o bando

de pássaros que

abandonam os ninhos incendiados.

E,
nadarei
nos rios contaminados.
E serei poeta sentidor. Dor que deveras sente sem ser
fingidor!



Airton dos Reis Júnior - 21/05/1965
– Cáceres/MT. Geógrafo. Escritor.
Poeta.

3° LUGAR – ADULTO

BUENOS AIRES – ARGENTINA

Mau Poeta

Quando eu ainda era um velhinho
Brincava de trocar os sentidos das coisas
E me escondia por debaixo das palavras.
Dizia a mamãe que a odiava
Ela comovida respondia “te odeio muito mais”.
No silêncio das minhas horas
Começava a inverter as palavras – feliz e triste
Assim na minha triste velhice acabei sendo feliz.

À medida que fui rejuvenescendo
Citava grandes autores que nunca haviam nascido
Recitava versos que ainda não haviam sido escritos
Sobre um poema alheio preenchia as palavras com
vazios,
E assim meus poemas saiam mudos,
Embora dissessem sobre todas as ausências do mundo.

Eu já mais jovem e inexperiente
Dilacerava o tempo, os dias, e as horas em apenas um
segundo
Traduzia o silêncio das estrelas, e a solidão da lua
Retalhava meus amores, e os remendava em versos.
Quando me sentia sozinho
Me escondia sobre as linhas ocultas
De uma folha em branco
Esperando ser escrita.

Quando nasci
Nenhum anjo beijou-me a boca
E assim me tornei mau poeta.



Arthur José Caetano Ribas - Nascido e criado em Palmas – Tocantins. Trabalha e estuda no setor do audiovisual. Mora em Buenos Aires e é apaixonado por toda a cultura latino-americana. É leitor assíduo de poemas e espera algum dia se tornar um poeta.

4º LUGAR – ADULTO

NITERÓI – RJ

Lírica romana

Às armas e ao nobre varão não cantarei
ó Musa: desista desta triste empreitada,
pois minha idade ao gênero não condiz.
Faltam-me a experiência e agudeza na alma:
Cantarei, mia Musa, o que me der na telha!
Sem o devido emprego do rígido ritmo,
do pomposo vocabulário erudito,
nem da longa e repetida narrativa:
Nada da pilhada Ílion, rica em cavalos
nem da plurimítica origem dos deuses:
não me ocuparei destas manjadas temáticas,
pois nem com toda a boa emulação do mundo
seria capaz de melhor cantá-las, hoje:
deixo ao futuro incerto tamanha ambição!
Sou jovem: na cabeça só amor e vinho.

Peleja apenas por Amarílis e Neera.

Quando o tempo pesar e o calor se extinguir,
serei então, Musa, ouvido às suas besteiras
e em tua homenagem cantarei forte épico,
com hexâmetro datílico – digno exemplo –
ou nos nobres decassílabos – tradição –
acerca da política, guerra... o que for!

Até que esse dia chegue, te rogo, mia Musa
permita-me, Musa, um canto abasileirado.



Philippe Thorp Lima da Silva - Nasceu em 31 de março de 1994. É formado como bacharel em Letras-Grego pela Universidade Federal Fluminense. Participou de algumas antologias de poesia e contos.

5º LUGAR – ADULTO

CERQUILHO – SP

Ode à razão pura

E quando penso nas mortes que vivi.

E quando penso que assisti suspensa,
o agonizar silencioso.

E quando penso nas vidas que fugi.

E quando penso no gozo que perdi.

E quando penso nas naus que sobrevivi.

Penso músculo.

Penso sopra.

Penso choro.

Quando penso braços,

penso hera.

E me penso pagã.

Penso pelos.

Um a um porque penso pele.

Penso fera.

Deduzo fêmea.

E quando penso abandono.

Penso broto.

Penso frouxo.

Penso fuga.

E quando penso corpo.
E penso vazio.
E quando penso vazio penso oco.
E quando penso dor
Penso poesia.
Penso afogamento.
Penso nada.
E penso nada.
Penso...
EU



Katia Cristina Mota - formada em Letras e Arte. Vencedora do Mapa Cultural Paulista 2013/2014, Menção Honrosa no Concurso de Poemas de Canoas em 2009, poemas em 3 edições da revista “Novitas”, texto coletânea de contos e poemas “Mulheres Obscenas”, poema na Retrospectiva 2021 Poesia Contemporânea.

OUTRAS POESIAS

Ordem aleatória de edição

VANUSA ALVES DE CARVALHO

FORMOSA – GO

Lírica Expansão

Vida.

Tempo e destino.

Cronômetro, calendário e relógio.

Tudo passa:

Inexorável e notório.

Na ampulheta desta existência efêmera,

Neste palco onde duelam drama e tragédia,

Neste oceano de turbulenta tormenta

E de bonança potente,

Existe um bônus.

E no contrapé do ônus,
Existe um espólio bendito:
Cresce-se.
Amadurece-se.
E a poesia vira destino.

E, conquanto se esvaia a inocência
E se acumulem demasiadas cobranças,
A vida vira caderno.
E com pena, caneta, lápis ou teclado,
Preenche-se a alva lauda com engenho,
Inspiração,
Certo grau de confusão e deliberado empenho.

Todavia, nada é tarefa leve.
O influxo nem sempre é consorte.
A egéria às vezes é fugidia.
Mas eterna é a centelha da arte.

E se crescer é expediente difícil,
Poetizar é remédio.
É bálsamo que ameniza o sinistro.
Se outrora carrinhos e bonecas,
Gáudio e folia preenchiam o espaço.
Agora são letras, musas e rimas,
Que enfeitam de infinito
A biogênese de um bardo.

DILSON SOLIDADE LIMA

FEIRA DE SANTANA – BA

O Sangue das Palavras

Cresço e poetizo,
abro as pétalas do mundo
e me sândalo,
me bálsamo,
primaverizo.

Me escrevo e escrevo
porque algo em mim dói e canta,
algo se espanta com o espetáculo das horas.

E essa dor, esse canto
são a lágrima do tempo:
sou eu por dentro me dilacerando,
espedaçando-me em calhamaços.

Cresço e passo.

Vivo na asa do verso,

verbo-infinito se dizendo:

somos breves,

leves folhas levadas pelas mãos do vento.

Cresço e poetizo o mar em mim,

um sol menino –

de um horizonte a outro –

a linha dos seus mágicos delírios,

a acústica sílaba do silêncio.

Cresço e me poemo.

Amadureço essa maçã de carne azul-semântica,

esse sumo,

essa polpa de estreletras derretendo no céu esferográ-

fico da boca,

explosão de signos na língua.

Cresço, envelheço e poetizo.
E desse encontro de tanta voz:
eis o verso-eu,
o verso-tu,
o verso-nós em cosmo e em luz,
estrofe enluarada.

Cresço e poetizo:
me componho,
me declamo,
me e(c)lipso
e me lavro,
lavo no eterno sangue das palavras.

CAMILLA SAMPAIO
VICTORIA – CANADÁ

Em simultâneo

Sobre quantas paixões cantamos enquanto as nossas
silenciamos?

Me apaixono dezenas de vezes por ano.

Por ideias e pessoas e conversas e sensações.

Me apaixono por possibilidades infinitas que não
saem do papel.

Pela liberdade que ainda não tomei para mim de sen-
tir o mundo inteiro sem culpa.

Me apaixono por você e por mais ninguém por um se-
gundo eterno.

Me apaixono por seu olhar e por todo o resto ao infini-
to simultâneo.

Até a dor da recusa me preenche a alma.

Me apaixono pela vida no fim de cada noite ao decidir
continuar tentando.

Me apaixono por sentir quando tudo cala e congela.
Pela quietude que me traz as guitarras e amplificadores.
E me apaixono por você novamente
e por todo o risco que entregar conserva.
Que minha língua me apresente o desenho do teu
corpo.
Que teu sussurro conte à minha nuca a tua história.
Nos teus olhos sentir nossas angústias.
Na minha pele, teu cheiro.
Te levar em mim
para onde for
em forma de vontade.

SIMONE PESSOA PEREIRA SAMPAIO

FORTALEZA – CE

Arranha-céu

Primeiro cavo as bases
Mergulho fundo em meus silêncios
Para despertá-los com escavadeiras
E escancarar os desvãos, os vazios

Depois planeio a fundação
Com pedra, ferro e cimento
Ideias, conceitos, sentimentos
Concretos e abstratos

Então vou elaborando as lajes
Umhas frases sobre as outras
Encaixo blocos, versos
São eles que dão corpo à obra

Quanto mais estâncias
Mais andares, mais pensares
Tudo amarrado e aferrado para não ruir
Essa é a fase da sustentação

Uma vez erguida a estrutura toda
Definida a altura, a dimensão
O esqueleto empinado para o céu
Então cresço e continuo a poetizar

Às vezes perco o ritmo, canso
Ensaio desistir, deixar a obra inacabada
Mais um elefante branco para entulhar a gaveta
Monstrengo abandonado, inabitado, deserto, sem
efeito

Mas neste aqui, por teimosia,
Vou persistir até o fim!
Encarregar-me-ei das minúcias
Quero-o pronto e acabado

Tudo farei para a poesia
Cumpra o destino silente:
Servir de morada e alento
Para o coração das gentes

RODRIGO PEREIRA DA SILVA MAIA

SÃO PAULO – SP

Cri (ânsia)

Crio ânsia
e anseio navegar
em mim, mesmo criança
nas anáguas do mar.

O grito, sufocado
ao som da liberdade
quer criança e não soldado.
Paz! Efemeridade

Pula no peito o desejo sem fim
dos sete anos passados
de ser um eterno assim.
Ou mais, dois apaixonados

O mar à frente, desvario
à frente carregando tudo.
Silêncio no meu próprio vazio
aqui dentro surdo e mudo

Um infinito alento
que não vem do ventar.
Só existe no pensamento
o medo de afogar.

ANDRÉ ROCHA DE MIRANDA

BARRA DOS COQUEIROS – SE

Foguete vivo

Cada passo tem um cheiro
Cada salto um sabor
Aprendo lento ou ligeiro...

Lições do mundo professor
Experiências se acumulam
No universo encantador...

As fases me transformam
Moldam caráter e desejos
Alcanço uns, outros deformam...

Perspectivas, certezas e ação
Giram num Picasso, Monet
E num Dalí sem salvação...

Êxito e fracasso
Na trilha percorrida
Dos sonhos que abraço...

Nessa escada sinuosa
Com espinhos nos degraus
Antes do botão virar a rosa...

Não será eterno mar
Nem Sertão para sempre
Talvez tenha que voar.

HUMBERTO PIO GUIMARÃES

SÃO PAULO – SP

Potências de linguagem

quando falou do garoto no ponto mais extremo do
caquizeiro

o poeta abriu uma porta no alpendre da tia-avó e eu
estava lá

o poeta é sabido e disso já sabia também: que eu já
era eu aos

dez: doce de leite, ladrilhos antiderrapantes, cama,
meias 3/4

o tio doente de derrame balbuciando palavrões por
anos a fio

budabariu!

MÁRCIO DISON DA SILVA

FLORIANÓPOLIS – SC

Equilíbrio

Desequilíbrio é fresta de luz
A penumbra que precede a nostalgia
do tempo em que cresço e poetizo.
Luminárias a óleo de baleia tremeluzindo
um cenário fantasmagórico
epíteto alegórico à Narciso:
versos equilibram o caminhar do dia.
Abduz a ficção a história do caminhante
sobre as barras de uma velha ponte
de uma idosa inebriante ilha.
O equilibrista, calmamente,
ourivesaria o azinhavre das ferragens
em simbiose com a melancolia do metal
sobre mar de reminiscências.
Saudade do equilibrista, saudade do Aldir,

da Elis das Paralelas, do Belchior,
do irmão e do Henfil,
saudade de tanta gente e da saudade
de quem virou gelo e não a tem,
de nada ou ninguém ou do desdém.
O verdadeiro equilíbrio é a imagem
caminhando pelas hastes e olhais
qual Jesus acima da água
sem dar trégua ao fio da régua.
Um rabisco negro na mágoa
sequer com mil e um verbetes
loucos, equilibrados, originais
ou banquete aos comensais
na santa ceia em que serves
ode ao precipício das palavras

RODRIGO CELESTINO ROCHA

GOIÂNIA – GO

Dor de joelho

Quando pequeno,
tinha muita dor nos joelhos.

Diziam meus pais,
que estava crescendo.

Passava horas ajoelhado diante da pequena mesa de
madeira,
desenhando minha realidade fantástica.

Lápis de cor e papel eram o meu mundo melhor.
Eram o meu eu... querendo ser...
maior.

Mas os joelhos doíam muito
tinha até que passar pomada
e também cobrir com cobertor pra esquentar.

Mas para mim, estava tudo bem.
Era a dor do crescimento.
Valia a pena senti-la.

Dos meus desenhos não abria mão.
Todos os dias, sempre que podia,
lá estava eu, ajoelhado diante da mesinha,
ciente de que a dor, inevitavelmente, viria.

Não sei se a dor nos joelhos realmente era porque
crescia

mas sei... que crescia.

Em cada rabisco, em cada traço, em cada cor, em
cada...

linha.

Quando pequeno

era assim que arte...

fazia.

MARCELO DA SILVA ROCHA

SÃO BORJA – RS

Crescer e Escrever (ou o tempo do poema)

Escrever um poema

É pensar com imagem

Desarrumar a linguagem

Deixar os versos espalhados no tapete.

Escrever um poema

É provocar memórias

Reviver histórias

Lembrar o menino que envelheceu tão de repente.

Escrever um poema
É subverter o calendário
Como crescer ao contrário
Ter a palavra como brinquedo novamente.

Escrever um poema
É suscitar saudades
Celebrar o silêncio
Sentir a bagunça que a poesia fez dentro da gente.

MARCONDES TAVARES SILVA FILHO

RECIFE – PE

Canto de crescer pelos na língua

1
parto das palavras
ensanguentado e exausto
o primeiro berro
o barro ensaboado na voz
sou aquela urgência da vida sem voz
o frio de lá fora;
os olhos embaçados de enxergar
a cor das palavras-primeiras
existo!
enquanto carne de som
instantes me calçam os pés
enquanto de pé
robusteco bem as barricadas delas:
sacos; alforjes; bolsos cheios

e uma língua viva
delirando um varal molhado de palavras.

2

parto das palavras
que se enxergam corpo
em minha ruminação:
o segundo silêncio
aproxima de mim o mais íntimo
sopro de poesia
a existência do silêncio pressupõe
que ouço mesmo estando fora
parto pangeia
plagas estriadas boiando
superfícies irregulares de suster o passo
lava incandescente do primeiro suspiro
a poesia brinca de ser-se
e cria o humano decididamente perecível
tornou as línguas um repositório de palavras
dia sim, dia não

nos confunde com cadernos
e deitam calidamente
noutros nos tomam por pedras
e nos atiram no oco do silêncio.

SAULO LOPES DE SOUSA

IMPERATRIZ – MA

Os amantes de Magritte

Sobre os rostos,
vela o pano.
Duas almas,
ao encontro.
Declinadas,
dois cúmplices.

O beijo é espelho de Narciso.
O amor, metades refletidas.

Na superfície da cegueira,
beijo é carne que trai.

MARIANA LIMA DE OLIVEIRA

PORTO SEGURO – BA

Porta torta

O Velho Sol
nascendo nestes olhos
dentro da caverna
Poetizo
Profetizo
Obituário, obtuso
vanguarda, dormente
Me molda, me morda
afeta esse peito demente
Solene,
tiro tua verdade
com um beijo na boca
A ilusão
se alimenta de conceitos
O colo

só vem quando escrevo
A compreensão
posso ter, claramente
quando leio
A Lua, a cobra e a mãe
Paredes de mim
e dos outros
Deixo impressão
em céus indiferentes
Continuo alcançando
Eu
Continuo alcançando
Alto
Hipnotizada, falho mil vezes
Cava do útero
a semente, comunhão
Descubro o que não se diz
Como a cigana,
honro a mão
e escrevo

Arquétipos da carne,
membranas que me preparam
e os outros
Eu?
Continuo alcançando
Alta?
Estou sozinha
diante de um oceano
me chamando de volta para casa
Para crescer de verdade,
precisei encolher
para enfim ver
essa porta.

LUCIANO DE MENEZES LANZILLOTTI

DUQUE DE CAXIAS – RJ

Legado ao tempo

Acumulei poemas
não acumulei capital.

Palavras
no lugar
de cifras.

Livros
na estante
em vez de
carteiras
de crédito
casas de câmbio.

Enchi cadernos
com partes
de mim
do mundo

embora
em tais celulosas
não haja carimbos
de governo
dando algum valor
a tudo isso:

é o meu legado
ao tempo.

GABRIEL ROSA ALVES

UBERLÂNDIA – MG

Continuum

A máquina do mundo não quer mais se revelar.
Se esconde, foge, já cansou de esperar.
E eu, máquina de carne,
escrevo, finjo e sangro no papel.
Troco de rosto e de roupa, pois toda estrofe é um
novo palco,
Todo verso é uma ribalta.
Todo poema, seu próprio menestrel.

Mas não pra mim,
Pois me escondo nas entrelinhas. Enquanto cresço,
imito e cresço um pouco mais.
Subo nos ombros de quem sabe e
Faço de conta que sei também, mas a verdade é que
aprendo,
Me machuco e ajudo outros a subir.

Todo ano a rima é nova.
Coloco menos, provooco mais, 1 passo à frente +2 pra
trás.
Pois nunca se sabe o que não se reparou, o que se vê
todo dia, mas que de fato não se enxergou.

O medo cega, a poesia mostra.
A idade revela e a persistência prova.

Trago comigo um espelho.

Pois só assim podemos ver,

Pelo menos um pouco e, quem sabe, entender

Que a eternidade que em nós vive e morre, a cada
dia (e torna a crescer)

Pede por socorro, atenção e por poesia (e pede até
morrer).

LUCIO RODRIGUES JUNIOR

TATUI – SP

Sustento

Eu quisera que fosse a poesia
capaz de garantir o meu sustento,
mas sou poeta só por teimosia:
a poesia é, da alma, o alimento.

Ser só o poeta, como eu gostaria,
no afã de eternizar cada momento,
criando minha eterna companhia,
tornando belo até meu sofrimento.

Mas não tenho lugares para expor
Os meus poemas presos na janela.
Indago: quem os lê? Apenas eu!

Contudo, não desisto de compor,
pois dá-me a poesia, e somente ela,
o que a vida jamais me concedeu!

FRANCISCO GUILHERME
LEON DE OLIVEIRA SCAQUETTI
SANTO ANDRÉ – SP

Pauta

Vontade de amar, necessidade de fugir...
Tudo isso compõe aquilo que sou.
E aquilo que sou compõe os versos que escrevo.
Neles também estão os acasos que essa vida propo-
ciona.
Não sei dizer o que falta
Ainda não escrevi sobre o ciclo das macieiras.
Mas pouco sei sobre mim.
Então por que escrevo?
Talvez para me encontrar quando se anuncia o hori-
zonte.
Tenho minhas dúvidas
Se todos esses elementos servem aos versos que es-
crevo

Ou se servem dele como glutões se servem de maçãs
sabendo que elas não bastam.

Posso imaginar que esses versos não servem nem
para o esquecimento.

E que esses elementos não alimentam a poesia

Apenas reiteram a fome por ela.

Fome que não seca.

Água se corporificando – artérias que

Agora cabem nos versos que escrevo

E fazem deles escravos de suas fissuras, feridas que o
instinto cria

No mais profundo verso aquele que jaz escrito nas
entrelinhas da morte

Ou da dor.

De uma só vez.

MARIANA OLIVEIRA DAS NEVES

CAMPINAS – SP

Evoluir

Em meio a tantos sentidos
Às vezes me lembro dos aflitos
Em saber que existo
Dentro do meu infinito

Escrevendo sem forma
Naquela norma
No papel rabiscado
De meu dedo manchado

Enquanto detalho em livros
Aqueles ocorridos
De quando viajamos a lugares
Que nunca estivemos, pesares.

Dos momentos solitários,
Nos mais movimentados horários
Da infância fantasiosa
Do crescer, receosa.

Onde me encontro?
No ombro do outro
Ou no vazio de ser
Nas intenções de ver

Os poemas deixados
Nos textos publicados
Entre sucesso e anonimato
Procuro quem sou, remato.

VICTOR ALVES PEREIRA

POMPEIA – SP

A flor e o mar ou

Tudo do que sempre há mais

Uma calêndula —plântula de maravilha
no ermo medra, entre uma pedra
e a própria terra.

Cresce com tal brio e ora brilha
como no talabardão de um navio
um feixe de luz que faz enxergar a sanca.

Uma luz branca,
tão branca...

e as pétalas amarelas.

As pétalas, bem elas,
arranquei-as num grande jogo de malmequer.

Talvez o tenha ganhado, mas me perdi.

A luz, bem ela,
comeu-me sem talher.

Talvez me tenha digerido na imensidão de tudo o que
existe.

Sim, cresço e me torno, ao fim,
absolutamente tudo o que existe
de um só giro.

Se o mar é a água de regar as plantas,
é ele que faz crescer esse tudo primordial a que me
refiro

lá no profundo imerso:
florir o horto,
poetar o verso.

Esvazio-me como se esvazia um jardim e um porto
num só traço espesso
para me poder fazer sempre mais cheio,
porque a luz não cabe mais
senão na penumbra
—a sombra do cais oriunda.
Se a flor me deslumbra
e o mar me afunda,
também eu, porque aprendi a fazê-lo, floresço
e ondeio.

PATRICIA DE CAMPOS OCCHIUCCI

MOGI GUAÇU – SP

Escalada

De criança, a poesia
vem sorrir na tessitura
modifica, dia após dia
na aparência e abertura.

Adolescência, quanta rima!
Com o coração, a mudança
o verso triste, se anima
da confusão à confiança!

Adulto formado, tão sério
trabalha, estuda, preocupado
esquece que a vida é mistério
e o conformismo, empunhado.

Com a grafite, desenha
a letra antiga, já cansada
o verso torna a sua senha
cresce na alma, coroada!

RAFAELA NUNES AREA NAVAS

COLORADO DO OESTE – RO

Áster

Quem é que poderia imaginar
Que meu coração estava na preliminar
Que encontrei uma estrela apaixonante
No meio de um bilhão delas brilhantes

Dá a luz no meu céu escuro
Apenas ilumina o meu mundo
Mente e coração me fazem perguntar
Seria amor que faz minha pulsão aumentar?

Almas perdidas que se encontram
Juntas em um mar se afloraram
Poeira da lua no meu coração
Áster minha grande adoração

Inspire sua alma perdida
Tenho em mãos que foi concedida
Havia amor crescendo por dentro
Estrelas eram o nosso centro

O amor era puro e mágico
Mas pode ter um fim trágico
Até as outras estrelas invejavam
Tudo que tínhamos desejavam

Sua faísca, seu noturno
O céu lindo de Saturno
E todas as suas aquarelas
É um cemitério de estrelas.

DARK FERREIRA TOMÉ
JUAZEIRO DO NORTE - CE

Carrossel

Sigo apreciando minha própria companhia
E sem tédio ou agonia, cada detalhe aprecio
Feito um fio de linha que vai dando forma ao tecido e depois aos trajés.
Descubro-me e redescubro sempre atenta aos detalhes.
Em cada situação fios e bordas se desfazem
Sobram linhas de poesia
Nua e crua. Cruzo olhares
Eu não sabia gostar tanto da lua
Até tropeçar várias vezes na rua de tanto mirar o céu.
Eu não sabia gostar tanto de arte até cruzar tantos lugares para além da ponta de um lápis, além da cerda de um pincel.

Sigo apreciando minha própria companhia
E sem tédio ou agonia, sempre atenta aos detalhes en-
quanto gira esse carrossel.

FLÁVIO AUGUSTO VILHENA DOURADO

MANAUS – AM

Crescendo e Descendo

Quando curumim, escapavam-me sem controle da boca,

Farta de buriti batido com farinha amarela,

Francos dizeres típicos da ingenuidade cabocla.

Impulso puro de minh'alma sarapintada e tagarela.

Mamãe dizia desde cedo que tinha um filho poeta.

E pela fala tendenciosa, me deixei levar.

Passei a andar de peito estufado, postura ereta.

Esbocei num quadro em guache, os vagos sinônimos de amar.

Mas ao compasso que espichava, fui achando ruinda-
de no mundo.

O véu de candura em meus olhos logo se desfez.

Testemunhei a deterioração das coisas e um miasma
nauseabundo

Invadiu-me o ímpeto, assassinando a bonança de vez.

Abateu-me uma forte descrença, da qual sofre todo
aquele que amadurece.

Transfigurou-se em avatar do drástico a minha dócil
arte

E passei a versar sobre a patologia que o meu cerne
esmorece.

Dediquei, então, os meus sonetos repletos de des-
prazer à Marte.

DARÍO ALEJANDRO POYANCO BRAVO

BELO HORIZONTE – MG

Crisálida

Enquanto crescia
não temi terceira idade
Só a idade de partir.
Tempo era boato
Velhice era lenda

Até que um dia o terror
acordou sobre a fronha
Pânico de um grão saciar
e outro plantar a fome
Medo de um gole tirar a sede
e outro trazer segura
Receio de a trama da jaqueta
amanhecer cerzida ao frio
Fobia de a cicatriz musculosa
rebentar a antiga sutura

A poesia, contudo, é tudo
cada poema é cura.
Com versos ponho na morte
voz de tetravó
e dicção de último neto
A foice dela é um mel cozido
pra pingar na salina tez da gente
Versifico a morte dando colo.
A ofertar um seio ancião
e um mamilo recém-nascido
O leite dela uma paz branca
irmã de um silêncio sem cor

Cada estrofe, quem diria
constitui um susto bom.
Olha aí no chão da sala
olha aí a borboleta atada
à coleção de crisálidas
O arco-íris dela arruinado
de tanto andar e arrastar
remoinhos de seda.

NILO ROBERTO DE OLIVEIRA TROVO

CURITIBA – PR

Debruçar-se...

Aquela semente
que joguei
dos contornos dos seus lábios...
Cresce
pela página em branco da sua indiferença...

De resto...

Esse cotidiano
sem aroma poetizando os meus medos...
Sorri...
Sob uma estrada de nadas...

RAFAEL DUARTE CAPUTO

OSASCO – SP

A vida é feita de frases

Cresço, logo poetizo:

“Bom dia!” seco,

“Boa noite!” vago.

Palavras sem açúcar,
duplo sentido meio amargo
coberto de desânimo,
recheado de embargo.

Pela dobra do tempo,
formigas a bailar sobre a língua,
pomo de um Adão sufocado.

Círculo vicioso ou viciado?

De café da manhã:
cinquenta gotas diárias de sofreguidão,
diluição da alma sem contraindicação.

Versos homeopáticos
de menosprezo, decomposição.

Como disfarce:
manteiga sem sal sobre a fruta-pão,
besuntada com porções generosas
de resiliência irracional.

Reticências ou ponto final?

Cúmplice de um crime duplamente qualificado, eis o
que sou.
Hediondo e torpe, sem qualquer moderação.

Sujeito simples ou composto?

Solitude, solidão.

Nessa vida feita de frases,

Restaram-me apenas orações subordinadas
para o bem ou para o mal.

Apatia: arma do crime, meio e motivação;

Santíssima Trindade pra lá de pessoal.

Como se declara este acusado?

Veredito unânime do réu:

Hipócrita, afinal.

RICARDO JOSÉ TAVARES DO CARMO

RIO DE JANEIRO –RJ

Cresço e poetizo

Mal piso no mundo já decepçiono:
Meus olhos são pretos, sou homem, por que não
mulher?
Os sapatinhos e macacões rosas agora quem quer?
Em casa me dão nome e um dono.
Nasço sozinho

Na escola só falo em lanchar,
desenho e pinto a tudo com lápis de cor.
Durante a aula penso em bola: vou ser jogador!
De castigo escrevo cem vezes: PRECISO MUDAR.
Reclamo sozinho

Vou ser um grande engenheiro
ter casa, carros, mulheres e muito dinheiro.
Ser doutor é uma grande meta!
Pobre de mim querer ser poeta.
Ando sozinho

Na volta do trabalho tem crianças brincando,
alguém esperando uma boa novidade cantando,
uma louca mexendo demais com a boca.
Quisera eu estar vestido sem roupa.
Grito sozinho

Já velho sem forças me escondo,
da felicidade tenho dúvidas, medo, desconfiança.
Fito tudo ao meu redor pensando:
ser feliz é dançar essa dança?
Sigo sozinho

Morro dormindo sonhando com a vida.
Vida da minha vida
não há mais tempo pra te viver.
Tomara um dia eu voltar a nascer!
Morro sozinho

JULIANO DA SILVA LIRA

CAMARAGIBE – PE

Medo do escuro

Quem dera fosse eu,
no apagar das luzes,
aquele projeto
de infância.

Respirando voz
que às outras
não mais
se confunde.

Como quem sai
da multidão,
por algum destino
retomado.

Falando com objetos,
do quarto já destruído,
espalhando-me nas coisas,
sentindo-me inteiro.

Mas o mundo, de verdade,
nunca mais foi tão bem
planejado por intervalos
recreativos.

E vida, agora é
chuva que faz
mudar de rua,
ônibus e atrasos.

Quem dera fosse eu,
no apagar das luzes,
outrora sonho,
fato.

FABRICIO LIMA OLIVEIRA

SANTO ESTEVÃO – BA

PÁGINAS IGNOTAS

Ao passo que vou escrevendo este poema,
a esperança fica à sombra dos meus gestos
como se bebesse
(entre carcomidas fotografias familiares,
moedas e a poeira na estante) restos de palavras
que escorrem úmidas
de minhas mãos calejadas.

(Emoções com cirrose agonizam na estrada.
Agonizam à margem da página do tempo).

Ao passo que vou escrevendo este poema,
vejo o vento soprando
a poeira do tempo
para dentro do Imaculado Coração de Maria
pendurado na parede da sala.

(Erês costuram a boca dum sapo
com a sombra do outono
e lavam as chagas dum louco
com a luz crepuscular).

Ao passo que vou escrevendo este poema,
descubro que meu coração é um pequeno teatro
e que no vão entre as cortinas fechadas
aranhas dramatizam as sombras do palco.

RONALDO DÓRIA DOS SANTOS JÚNIOR

RIO DE JANEIRO – RJ

Luz na escuridão

Não vou escrever um poema ameno
Bonitinho, simples, gostoso de se ler
Crianças brincando num mar sereno
Sobre o tempo, se vai ou não chover

Eu quero falar das notícias lidas no jornal
Um pai preso por estuprar o próprio bebê
Uma mulher morta e enterrada no quintal
Outra, espancada pelo marido até morrer

Não quero e não faço uma poesia alienada
As amenidades não vão me servir de nada
Infelizmente, não mudam nada para melhor

Meu poema é luz fraca, trêmula, embotada
Não ilumina as curvas sombrias da estrada
Mas faz ver a escuridão que há ao nosso redor

RAY CLEISE RODRIGUES DO NASCIMENTO

MANAUS – AM

Ver só o verso.

A canção do verbo crescer me embala novamente no
salão principal nos cantos desprezos.

Está escuro para mim, mesmo assim canto em prumo
com a vergonha begonha.

O céu me socorre quando entro no ar de vento que
desvendo.

Cresço logo aprendo.

Penso logo desisto (mas insisto).

Quando apareço (sempre sem importância) finjo
meu apreço pelos defeitos desejos.

Não me falta pá para lavrar esse terreno que mereço,
nem palavras ora na busca do empenho.

Pó e azia (dicotomia sem rima) poesia (menina) nes-
se divino desmedido dos valentes poetas, poetizo
(menino).

Me pergunto (segundo sentido).

Vida é mesmo só o alimento da morte?

Liberdade é estar preso a Deus?

Felicidade seria pequeninos sonhos meus?

Verdade é tudo que me resta?

É a nano humildade da humanidade que me espera?

Eu só quero dançar com a vida, conhecer o mundo,
ousar o abismo profundo, calar-se mudo, entoar o
amor de nascer sorrindo.

Um beijo delírio de um cátedro alado, Cátaro florin-
do; crescer é repartir partindo, adeus.

APARECIDA HIDENARIA MEDEIROS DO CARMO

BACABAL – MA

LAPISAR

Começo a observar
Rastejar, andar, ambientar.
Escorrego no palavrar
Suspiro ao caminhar
Ç para pronunciar
O caçula já sabe poetizar.

E de desilusão soube o que é amar!

Preferira recomeçar
O amor é para poupar.
Escrevera a chorar
Te amo, mas vou abdicar.
Insensível, você fez brotar.
Zangão, irei eternizar.
Ostentar dos cacos a espelhar.

E de desilusão soube poetizar!

Contentamento no apaixonar
Recriar, levantar, abraçar.
Escrevo com caçoar
Sagacidade para alimentar
Ç para suavizar
O começo está no lapisar.

CRISTIANO SANTOS ROCHA

SANTO ANTONIO DO DESCOBERTO – GO

MARIA HELENA

Eu era menino, ainda lembro...
Você me apresentou uma estante
Com histórias radiantes!
Cativado a trilhar pela literatura,
Meus olhos, porta de entrada
Permitiam à minha mente uma aventura.
Horas trilhava com Graciliano Ramos
Emocionando-me com Vidas Secas,
Em outras seguia Maurício Gomes em versos;
Trevas e Alvoradas, em seus poemas diversos.

Estavam naquela estante, tesouros inestimáveis!
Diversidade de escrita, sonetos, tantos poetas!
Tudo me cativava, pois todos eram amáveis.
Eu tão pequeno, ignorante, fui agraciado!
Fui seguindo, visitando Iracema de José de Alencar...
Palavras não podem mensurar.
E você em mim já via
Aquilo que eu desconhecia,
O contato com a literatura, poesia...
Já moldava em mim
A sina daquilo que seria um dia.

E foi desta maneira, diante daquela estante
Que em mim foi nascendo
Um amor harmonizado na poesia, um amor excitante!
E eu na minha visão pequena, não imaginava o mundo
que se revelava,
Naquela estante de Maria Helena.

THAYANA APARECIDA DE OLIVEIRA RIBEIRO

JUNDIAÍ – SP

Descobrir a dor

33 anos e meio
jaleco branco, pele avelã
se viu ao fundo o diploma em papel timbrado preso
na parede bege, lembrando antigas instalações
uma profissão
um assento
uma poltrona de deitar
um relógio de parede
não há mais como voltar
Boa tarde, Doutor?
um corre-corre danado
em torno do rabo, coitado
espicha o corpo, alarga os sentidos
corpo-elástico

(deita, menino)

brinca de esconde-esconde

conta até três com os olhos fechados: está escuro

aqui, Doutor?

(des)cobre a dor com a manta de retalhos da vó

lembra o menino, das noites de domingo

escoa a palavra de pinga

que pinga

pinga,

diluindo a fissura

o conflito

a crueza

encontrando o antídoto para dor

(deita, menino)

brinca agora de detetive

espelhando a dor

sepultando o algoz

fingindo saberdor

apalpa as palavras ensopadas

descoabrindo as angústias

escrutinando os traumas
escamoteando o pesar
Será que virei poeta também, Doutor?

FERNANDA GERMANO

CAMPINAS – SP

com nome e sobrenome

minha mãe sempre me dizia que eu falo muito com o rosto.

é proposital – eu reforço:

sempre quis estar no teatro, apesar de
(quando pequena)
não ter nem coragem para falar com o carinho de
quem eu gostava;
que me prendia
e só me soltava em sonho,
à noite.

minha mãe sempre me dizia que eu sonhava com ele
e falava, com as expressões faciais,
meu nome
e sobrenome
sem pudor
sem a vergonha que o teatro despertava em mim.

[E que Medo...

de subir
em um palco de verdade,
GRITAR
meu nome
e sobrenome
sem pudor
e sem vergonha.]

quando minha mãe morreu, não me dizia mais nada.
fiquei sem o rosto,
sem a fala,
sem o teatro.

até que cresci
– descobri o poema:

que me fala com a face de volta,
lambuza minha cara inteira
e me lembra
do carinha que me prendia
e me soltava no sonho,
como se eu fosse a atriz principal
da própria
poesia.

ADRIANO MOREIRA

RIO CLARO – SP

Nunca em vão

Decorando injustiça,
Embalando ilusão,
Suavizando a morte,
Pedindo perdão!
Nunca em vão,
Eis a flor!
Ascende da terra,
E inspira a canção!

Despercebido de si,
Polinizando vai,
e volta, o colibri!
Pelo jardim do desengano,
Inquieto, procurando!
Nunca em vão,
Tens o beija-flor!
De olor em cor,
Disfarçando voa o beijo,
Ao avistar a maga flor,
Ávido para furtar,
do néctar o sabor!

Mas o feitiço? Desconhecia!
Esquecer? Já não podia!
Restou-lhe entregar,
O pólen que escondia!
Desfez-se o roubo,
Fez-se troca.
Que ao nutrir, germina.
E sem perceber, se enrosca.
Desvanecem diferenças,
Permanecem convergências!
Se são pétalas ou penas?
Não mais importa!

Despindo-se sem receio,
Vai transformando em expressão,
Esta singela polinização!
Emprestando-lhe sentimento,
E a enfeitando com paixão.
Nunca em vão,
Vens poeta!
Poetize sem razão,
Pois o martírio nunca cessa,
Se não usas teu condão:
Para roubar da dor o pensamento,
Libertar o sofrimento,
E enganar a solidão!

REGIANE CRISTINA LOPES DA SILVA

BELFORD ROXO – RJ

Viva a poesia!

A poesia é uma sementinha
Quando plantada na página em branco
Germina
Cresce, frutifica
Quem come o saboroso fruto
Espalha as sementes, faz mudinhas
Presenteia a humanidade
Que alegria!
Outras vezes, a poesia é uma abelhinha
Pica a gente sem mais nem menos
enquanto saboreamos o favo de mel
Choramos de emoção
A picada é no coração
Quando a poesia se transforma em pulguinha
ficamos com coceira nos dedos

Olhamos para o céu, o mar, as flores
o bule de café, o dedão do pé
Dá vontade de escrever
Vemos algo especial
de uma forma diferente
Que ninguém mais vê
A poesia tem diversas facetas
É sorriso, lamento
Pão quentinho, leite azedo
Rosas, espinhos
Gato miando, cachorro latindo
Professora ensinando, turista partindo
É criança, adolescente
Jovem, adulto, idoso
Alegre, rabugento
Quem encontra a poesia
Não tem jeito
Pode ficar parado ou correr ligeiro
O cupido acerta a flecha
O leitor é cativado, transformado
Vira, mesmo sem saber, poeta.

PATRÍCIA RIBEIRO BARRETO BARRINOVO

IPERÓ – SP

Cordas da inocência

Crescer, a poesia cresce lenta, pegajosa e doce,
como a palavra viva, fluindo como sangue por entre
as entranhas;

Fervendo a alma tal qual ferve o corpo, vulto sereno,
pequeno,
de uma noite de lua cheia refletida no lago.

E como a consciência daqueles que dormem para
sempre:

O suave onírico aquece como a chama de uma vela
acesa;
fazendo o que era esguio ampliar a cerne;
onisciente e impotente o largo sorriso!

Resiliente, mas cansado ainda prossigo;
Sonhos de um pássaro de inverno preso pelos galhos
secos,
interpretando pouco a pouco as nuances frívolas do
agora,
permeado intrinsecamente junto a face opaca e can-
sada do ontem.

A que voz doce e perene minha alma perseguirá
nesse instante?
Como uma ideia longínqua, a fluência pulmonar, infla;
A flor d'alma ao suspiro intermitente da existência
inexistente,
fulgurada pelo amor incorrupto, incólume e indeciso!

NARCÉLIO LIMA DE ASSIS

CAUCAIA – CE

À Flor

Tudo é breve

E a tua cor é tanta

Que em meu verso te eternizo.

Amo-te na terra que me encanta,

Mas em meu verso é onde te preciso.

Nele é onde tua alma canta;

Onde passo e não mais te piso.

Na terra é onde cresço e poetizo,

Na terra nada mais te adianta...

Mas em meu verso eterno é seu sorriso.

INGRID CUNHA ALVES

SALTO – SP

Corporeidade

Só eu estou aqui
Não há milhões de mim
Emaranhado de caos e vida
Poesia sem fim
Não escrevo sobre o que sou
Mas me encontras em tudo o que escrevo
O estático e o imutável escorrendo pelos dedos
Eu sou o universo, em pleno movimento
Desliza sobre minhas veias
Há pulso
Há pensar
Eu não somente “uso” meu corpo
Ele sou toda eu
Constantemente a mostrar
A essência e seus efeitos

Os abismos entre a expectativa e o medo
Corpo e mente
Fu(n)didos neste eu que estou
A beleza da perfeição
Colide com a realidade que me restou
Sem falsas imagens, esconderijos ou tocas de coelho
Isso é tudo o que sou
Bem-vindo ao meu espelho!

O poeta é um ser cujo ciclo de vida não se resume a nascer, crescer, reproduzir e morrer. Sua passagem pelo mundo exige o poetizar ou poetizar-se. E isso o alimenta, nutre, faz crescer e se manter vivo, ainda que, ao seu redor, só pareça existir escuridão. “Faz escuro, mas eu canto”, diria o brasileiro Thiago de Mello (1926-2022). Eu canto porque espero pela manhã? Ou porque é o que me resta? Eu canto porque é o que sei fazer ou porque isso me faz crescer nas (in)compreensões cotidianas?

Cresce-se quando as palavras passam a ser por nós no mundo, quando elas tomam o lugar de parte de nossas angústias, quando elas nos acalentam. E ainda, quando tudo tiver passado, são elas que restarão a dizer quem fomos neste mundo.